

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

Vinícius de Souza Soares

Coletivo Arterê:
Um resgate da criatividade artística coletiva

Vinícius de Souza Soares

Coletivo Arterê:

Um resgate da criatividade artística coletiva

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília como parte das exigências para a obtenção do Grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Brasília – DF, junho de 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Wagner Rizzo (Orientador)

Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Prof. Luciano Mendes

Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Prof^a. Priscila Borges

Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Prof. Rafael Dietzsch (Suplente)

Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a todos e todas que compartilharam comigo conhecimentos, experiências e momentos de vida durante a minha jornada acadêmica.
Muito obrigado!

Agradecimentos

Foram mais de 8 anos transitando por instituições de ensino, conhecendo estudantes e professores. Logo, o que não faltam são motivos e pessoas para agradecer.

Acredito que a nossa existência só é possível graças a ação do primeiro coletivo que já existiu, Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Antes de tudo, agradeço a este(s) grande(s) artista(s).

Em segundo lugar, agradeço à minha família. Maria Cleide, minha mãe, que me apoiou em todos os sentidos, durante todas as minhas experiências mal e bem sucedidas, tentativas, erros e sucesso. À minha esposa, Déborah, que sempre esteve ao meu lado quando eu mais precisava, enfrentando todos os desafios ao meu lado, tornando a caminhada muito mais leve. Ao meu irmão, Diego que sempre me ensinou tanto e me inspirou a buscar mais e mais conhecimento. E ao meu pai, Adalto, que me gerou e durante algum tempo me forneceu recursos para que eu pudesse realizar meus estudos.

Agradeço também aos amigos que serão citados neste trabalho. Delei, grande mestre e professor que me ensinou o significado da arte na vida, Mirela Borges e Juliana do Nascimento, que formam o trio mágico que compõe o Coletivo Arterê. Agradeço a todos os professores do Unasp-EC, Faculdade JK, Faculdade Dulcina de Moraes, e, por fim, UnB, que durante essa jornada de mais de 8 anos na academia, compartilharam comigo conhecimentos que levarei para o resto da vida.

Ao meu orientador, Wagner Rizzo, que me ajudou a tornar este trabalho real.

Aos colegas de tantas classes, que, juntos, realizamos trabalhos incríveis. Aos funcionários das instituições, que fazem com que tudo aconteça da melhor maneira possível, muitas vezes sem ser notados. Aos amigos, que, durante os momentos de lazer, amenizam os pesos da vida.

Enfim, a todos que contribuíram para que o sonho do ensino superior se tornasse realidade, muito obrigado!

Resumo

Este trabalho consiste na sistematização da Oficina de Criações Coletivas do Coletivo Arterê e na criação de um material didático para a aplicação da oficina. Para estruturar o trabalho, apresentarei o histórico do método de criações coletivas desenvolvido pelo Coletivo Arterê desde 2012. A oficina tem como objetivo colocar os participantes em contato com a arte, a fim de que desenvolvam a criatividade artística no ambiente coletivo. Conceitos como coletividade, sinergia, arte urbana e elementos básicos da linguagem visual, tais como, teoria básica das cores, simetria, ponto, linha e textura, são apresentados de maneira prática e instrumental, a fim de propor uma reflexão sobre os temas abrangidos na oficina, fazendo com que esta seja facilmente aplicada, gerando os resultados esperados.

Palavras-chave: Criatividade, Coletividade, Artes, Intervenção Urbana, Arterê.

Abstract

This work consists of the systematization of the Collective Workshops of the Arterê Collective and the creation of a didactic material for the application of the workshop. To structure the work, I will present the history of the method of collective creations developed by the Arterê Collective since 2012. The workshop aims to put the participants in contact with the art, in order to develop artistic creativity in the collective environment. Concepts such as collectivity, synergy, urban art and basic elements of visual language, such as basic color theory, symmetry, point, line and texture, are presented in a practical and instrumental way, in order to propose a reflection on the themes covered in the workshop, making it easily applied, generating the expected results.

Keywords: Creativity, Collectivity, Arts, Urban Intervention, Arterê.

Lista de figuras

Figura 1 : Sítio Toca da Entrada do Pajaú, preparado para visitação no Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí.....	12
Figura 2. Cueva de las manos.....	14
Figura 3: Desenhos coletivos feitos em 2007, durante a 7 ^a série.....	17
Figura 4: Murais abstratos criados durante as oficinas no Espaço Cultural 508 Sul.....	18
Figura 5: Desenhos coletivos em papel, sem metodologia. Coletividade heterogênea.....	19
Figura 6: Desenhos utilizando o método de criações coletivas.....	20
Figura 7: Pinturas murais coletivas feitas em Brasília, pelo Coletivo Arterê.....	21
Figura 8: Registros da 1 ^a Oficina de Criações Coletivas, em Vitória, Espírito Santo.....	22
Figura 9: Oficina de Criações Coletivas, em Viçosa, Minas Gerais.....	23
Figura 10: Pintura mural utilizando as 4 cores descritas.....	26
Figura 11: Combinações de cores complementares, triádicas e análogas.....	26
Figura 12: Utilização de formas geométricas para a construção do desenho coletivo.....	27
Figura 13: Desenho coletivo com uso de ponto, linha e textura.....	28
Figura 14: Alunos praticando o método de criações coletivas no papel durante a oficina em Vitória, Espírito Santo.....	30

Sumário

Manual de Criações Coletivas.....	11
Introdução.....	17
Criatividade e Coletividade.....	19
Histórico.....	24
A oficina.....	32
Conclusões.....	33
Referências	35

OFICINA DE
CRIAÇÕES COLETIVAS
COLETIVO ARTERÊ



APRESENTAÇÃO

Antes de iniciarmos essa atividade, responda a três perguntas: Você se considera uma pessoa criativa? Você sabe desenhar? Você gosta de trabalhar em equipe? Se sua resposta foi negativa para alguma das perguntas, você está no lugar certo! Esperamos que este manual te ajude a trabalhar sua criatividade natural, habilidade de desenho e capacidade de trabalho em equipe.

O método está dividido em três partes:

1. Teórica:

Vamos conhecer alguns conceitos e fundamentos básicos que utilizaremos no método;

2. Prática no papel:

Vamos colocar o método em prática, apresentando algumas regras de execução e exercitando os parâmetros apresentados anteriormente;

3. Prática mural:

Vamos compartilhar algumas instruções e dicas para realizar uma pintura coletiva em uma parede ou muro.

Esperamos que você se divirta e experimente a mágica da sinergia que acontece durante nossa brincadeira de criar coletivamente.



Criado em 2012 pelos artistas Juliana do Nascimento, Mirela Borges e Vinícius Souza, em Brasília, Distrito Federal, o Coletivo Arterê tem como objetivo a produção de artes plásticas em diversas técnicas e superfícies, além da realização de oficinas e eventos culturais.

Conheça mais sobre o nosso trabalho na nossa página do Facebook:



PARTE 1

T E O R I A

Para muitos, essa parte pode parecer um pouco chata, mas aviso, ela é essencial para que nosso trabalho aconteça com sucesso.

Existem diversos fundamentos básicos da linguagem visual, mas, aqui, trabalharemos com apenas 6 deles: cor, simetria, formas geométricas, planos, ponto, linha e textura.

COR

Em nossa oficina, devemos observar as cores de 4 elementos presentes: a cor de fundo; a cor da estrutura do desenho, que tende a ser uma cor com alto contraste com relação ao fundo; a segunda cor, que é opcional e pode preencher algumas partes do desenho, devendo ser uma cor com menos contraste; a terceira cor, que deve entrar em poucos detalhes, sem muito contraste de destaque com relação às outras cores.

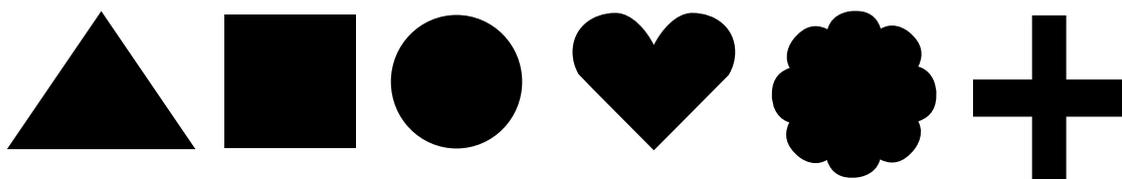
Para escolha das cores, podemos trêz combinações básicas: cores complementares, que são as cores opostas no círculo cromático (nesta combinação conseguimos um alto de contraste); cores triádicas, que é a combinação de três cores equidistantes dentro do círculo (nesta combinação, conseguimos um nível de contraste um pouco menor do que na complementar); cores análogas, que são de 2 a 5 cores adjacentes dentro do círculo cromático (esta combinação nos proporciona um menor contraste com nuances mais sutis).



FORMAS GEOMÉTRICAS E PLANOS

Paul Cézanne, o precursor da chamada arte moderna e seus sucessores cubistas, iniciaram estudos que sugeriam que todas as coisas são compostas por formas geométricas. Embora não possamos observar isso de maneira superficial, podemos perceber as formas geométricas compondo o nosso cotidiano, desde a roda da bicicleta ao formato retangular da capa de um livro. Podemos dizer que toda forma geométrica é um plano, mas nem todo plano é uma forma geométrica. Um plano é uma área lisa com altura e largura delimitada por uma linha.

Em nossa oficina, construiremos os desenhos com formas geométricas e planos, devido ao seu caráter abstrato e fácil execução. Afinal, quem não sabe desenhar um círculo?



SIMETRIA

A simetria está diretamente relacionada ao equilíbrio das formas, embora não seja a única forma de se obter equilíbrio em um desenho. Ela pode ser da esquerda para a direita ou de cima para baixo e podemos percebê-la no rosto humano, por exemplo, onde um lado é praticamente igual ao outro. Mas espera aí, se os lados não são exatamente iguais, ainda assim existe a simetria?

Sim! Isso acontece porque existe o equilíbrio físico (onde as coisas são realmente simétricas) e o equilíbrio psicológico, onde o nosso cérebro agrupa e padroniza as informações interpretadas. Essa é a tendência natural da nossa percepção, ao equilíbrio e à simetria.

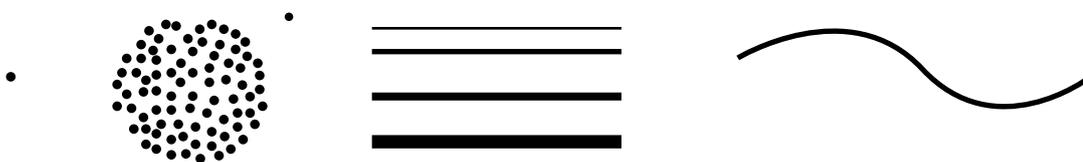
Desenhe abaixo um coração e um boneco palito. Vamos praticar a simetria:



PONTO, LINHA E TEXTURA

São a “matéria-prima” da construção do nosso desenho. Um a série de pontos, formam uma linha, uma massa de pontos, criam textura ou um plano.

A estrutura do desenho será composta, primeiramente, por linhas de uma mesma espessura. Depois acrescentaremos as linhas mais finas e pontos para criar texturas e detalhes, dando, assim, mais peso e preenchimento.



PARTE 2

PRÁTICA
NO PAPEL

Vamos colocar a mão na massa?

Para começar a brincadeira, siga as seguintes regras:

1. Chame mais 1 ou 2 amigos para participar das criações coletivas;
2. Utilize todos os conceitos apresentados na parte teórica;
3. Escolham juntos, as cores do desenho (preferencialmente, utilizem uma caneta);
4. Pegue uma folha de papel ou utilize a página final deste manual;
5. Inicie criando uma forma simples no centro do papel;
6. Passe a caneta para o próximo participante. Ele deverá inserir uma forma geométrica ou linha em cada lado do desenho, buscando sempre o máximo de simetria possível;
7. Não é permitida a criação de formas muito complexas e figurativas. Deixe que por meio das formas simples e abstratas, o desenho se forme e encontre o seu caminho. Isso fará com que a sinergia aconteça!
8. Quando acharem que a estrutura está suficiente, acrescentem as texturas e preencham os outros espaços com as cores escolhidas, se assim desejarem.
9. Mantenham sempre o diálogo, compartilhem percepções e opiniões sobre o desenho. Faz parte do jogo enxergar uma coisa, enquanto o outro enxerga outra coisa. Isso exercita a criatividade e capacidade de improvisação.

PARTE 3

PRÁTICA MURAL

Desenhar em uma parede pode parecer um tanto desafiador, mas fique tranquilo, vamos te dar algumas dicas e instruções.

Para relizar a pintura mural, utilizaremos os seguintes materiais:

- Tinta acrílica branca ou colorida;
- Pigmentos líquidos;
- Pincéis de diversas espessuras;
- Rolinho;
- Pano e água (para limpar os pincéis);
- Recipientes com tampa para misturar e armazenar as tintas;

Na hora de escolher o local é necessário observar:

- A textura da parede (paredes muito texturizadas ou porosas atrapalharão no resultado e desenvolvimento do trabalho);
- A cor da parede (Isso vai influenciar diretamente na escolha da cor da tinta. Procure sempre fazer em paredes lisas, sem desenhos ou grafismos)
- A incidência do sol sobre o local (vai fazer com que a tinta seque mais rápido, mas poderá causar um desconforto aos participantes);
- A altura da parede (dependendo da altura da parede e do tamanho pretendido para o desenho, talvez seja necessário uma escada ou banquinho);

Orientações gerais:

- Aqueça a mão praticando a etapa anterior e utilize mesmo método, desta vez, na parede;
- Lembre-se que as dimensões agora são maiores, então, valorize os movimentos de ombro e de braço;
- Escolha coletivamente as cores e faça as misturas das tintas;
- Cuide bem do material, sempre limpando os pinceis após o uso e armazenando as tintas que sobrem em recipientes com tampa;
- Evite usar o mesmo pincel para cores diferentes, principalmente em cores claras;
- Mantenha sempre o diálogo com o grupo e não desista!
Não existem desenhos errados, acontece que alguns dão mais trabalho do que os outros;
- Mãos à obra!



Espaço reservado para o seu primeiro desenho coletivo Arterê



1. INTRODUÇÃO

A criatividade se manifesta nas ações mais comuns do cotidiano de qualquer pessoa, embora poucos consigam percebê-la. Uma das áreas do conhecimento onde a criatividade se faz mais evidente, é na Arte. Ouso dizer, que a criatividade artística também acompanha todos as pessoas, possuindo um brilho mais intenso durante a infância, que vai se tornando opaco e rígido, conforme a idade chega. A criatividade acompanha o ser humano desde nossos antepassados, como conta a história.

Os registros pré-históricos também nos revelam que o ser humano é um ser relacional, que produz e se desenvolve por meio da interação com outros seres humanos. Pinturas murais estampadas em cavernas ao redor do mundo, ilustram rituais e momentos de interação entre as pessoas, além de trazerem consigo, processos criativos, muitas vezes, coletivos. Hoje, percebemos uma sociedade focada no desenvolvimento do indivíduo. A Internet, os modelos políticos e econômicos, e até mesmo as relações interpessoais, buscam revelar e valorizar as características individuais de cada pessoa. Ainda assim, as interações e construções coletivas continuam sendo parte fundamental do desenvolvimento humano.

Mas seria possível propor um resgate da criatividade artística coletiva de forma prática e instrumental? Durante meus anos de estudo, prática e brincadeiras com processos criativos, descobri que sim. Existem infinitas possibilidades de jogos, dinâmicas e métodos que proporcionam o desenvolvimento da criatividade. Neste trabalho, apresentarei o método de criações coletivas que foi desenvolvido pelo Coletivo Arterê, durante meu período de estudo na faculdade de artes.

Em fevereiro de 2012 ingressei na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, onde cursei Artes Plásticas durante 4 anos. Durante esse período, também frequentei o Espaço Cultural Renato Russo, em oficinas de Arte de Rua e criações coletivas. Além dos estudos acadêmicos, tive a oportunidade de desenvolver, juntamente com mais duas amigas de faculdade, o Coletivo Arterê, cuja proposta consiste em realizar desenhos, pinturas e poesias coletivas nas mais diversas superfícies: papéis, tecidos, telas e, até mesmo, pelos muros da cidade.

Em 5 anos de exercício, a prática de Criações Coletivas tomou forma. Desenvolvemos um método de trabalho, utilizando elementos e conceitos básicos da linguagem visual, tais como teoria das cores, simetria, formas geométricas, ponto,

linhas e texturas. Este método mostrou-se um tanto didático, e se transformou em uma oficina, que já foi realizada em três ocasiões, no ENEARTE Vitória 2013, ENEARTE Viçosa, em 2014 e na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em 2014. Nestas oficinas, pessoas que afirmavam não saber desenhar realizaram, coletivamente, desenhos e pinturas em diversos formatos e superfícies.

O presente trabalho foi dividido em três partes e um anexo, além da introdução e conclusão. Na primeira parte, apresentarei um referencial teórico e como alguns autores conceituam criatividade. Farei um rápido panorama sobre a questão da coletividade nos processos de criação, conceito que acompanha a humanidade desde nossos antepassados até os dias atuais, nas artes e intervenções urbanas. Por fim, entenderemos um pouco o papel do método no desenvolvimento da criatividade artística coletiva

Na segunda parte, relatarei minha trajetória pessoal relacionada ao processo de criações coletivas. Trarei algumas imagens de trabalhos desenvolvidos desde o ensino fundamental, passando pelo Espaço Cultural Renato Russo e, por fim, na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, onde inicia-se a trajetória do Coletivo Arterê.

Na terceira parte, apresentarei a estrutura da oficina, que também é dividida em três etapas. Teórica, onde são apresentados os fundamentos básicos da linguagem visual, como cor, ponto, linha e textura, e simetria. A segunda etapa, que consiste na prática em papel, onde os alunos aplicarão os conceitos teóricos aprendidos anteriormente, e a terceira, que também é prática, mas na superfície parede. Aqui, darei algumas dicas e orientações sobre como escolher o material e ambiente adequado para o trabalho.

. Em anexo, você encontrará o Manual de Criações Coletivas do Coletivo Arterê, uma cartilha com o método resumido de forma prática e didática, para que o exercício da criatividade e da coletividade seja difundido e aplicado.

Por fim, concluirei propondo alguns desdobramentos desse trabalho, de forma que ele venha proporcionar mais pesquisas no assunto e influenciar pessoas a se tornarem mais interativas entre si, criativas e livres de suas amarras quando o assunto é criatividade artística.

2. CRIATIVIDADE ARTÍSTICA E COLETIVIDADE

Criatividade é um termo comum em nosso cotidiano, um valor superestimado nos dias atuais. Mas ao tentarmos conceituá-lo, encontramos diversas definições e opiniões divergentes acerca do tema. Segundo o dicionário Houaiss criatividade é "a qualidade ou característica de quem [...] é criativo; inventividade; inteligência e talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar". O dicionário Aurélio define criatividade como "capacidade criadora, engenho, inventividade; capacidade que tem um falante nativo de criar e compreender um número ilimitado de sentenças em sua língua.", as definições dos dicionários apresentam a criatividade como uma capacidade ou características de alguns indivíduos. Definições estas que se assemelham a conceitos antigos de criatividade, quando acreditavam que ela seria um dom divino, ou um "estado místico de receptividade a algum tipo de mensagem proveniente de entidades divinas." (ALENCAR, 2001, p.15). O senso comum tende a seguir por esta linha, gerando um comportamento limitante em muitas pessoas, que dizem não possuir esse "talento".

Porém, podemos encontrar outra linha de pensamento, como é o caso do chamado "pai da criatividade moderna", Ellis Paul Torrance (1965, p.16), que trata a criatividade como um processo ao declarar que a "criatividade é o processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento, desarmonia; identificar a dificuldade, buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados"

Segundo Fayga Ostrower (1976, p.1), a criatividade é um "potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades". Todavia, a criatividade é mais comumente associada a pessoas que atuam nas áreas humanas do conhecimento, como as artes, publicidade, letras, dentre outros. Entretanto, a afirmação de Ostrower pode ser corroborada quando oferecemos lápis e papel para uma criança, pois instantaneamente ela começará a desenhar. Raramente veremos uma rejeição sob a justificativa de não possuir habilidade ou criatividade. Qualquer um de nós pode ter sido uma dessas crianças, mesmo que hoje, depois de adultos, afirmemos não saber desenhar ou não possuir a chamada "criatividade".

Embora as artes visuais e a representação da realidade por meio das imagens acompanhem a humanidade desde seus primórdios, temos perdido a capacidade de

compreender as coisas através de nossos olhos, sendo necessário sempre nos refugiarmos em meios mais familiares como as palavras (ARNHEIM, 1980). Não desmerecendo o valor das palavras, mas faz-se necessário um resgate desta capacidade de compreender a arte com uma visão integrada, e, para isso, o melhor caminho é a manusear lápis, pincéis, tinta, câmeras, enfim, pôr a mão na massa.

A criatividade também se manifesta durante a resolução de problemas, haja vista que o problema é a matéria prima para a criatividade (BARRETO, 1997). Sendo assim, encontramos manifestações criativas até mesmo no homem pré-histórico, ao desenvolver métodos para manipular o fogo, armazenar água e alimentos, peças de vestuário, ferramentas, entre outras invenções que surgiram durante a história, conforme a necessidade. Entre essas manifestações, encontram-se as pinturas rupestres, espalhadas por pedras e paredes de cavernas ao redor do mundo, com destaque para o Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí (Figura 1). Com mais 400 sítios arqueológicos, numa área de 130 mil hectares, o parque possui centenas de pinturas rupestres, que, segundo estudos, foram feitas há mais de 50 mil anos. O parque foi inscrito no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico em 1993 e elevado a Patrimônio Mundial pela UNESCO em 13 de abril de 1991 (IPHAN, 20--). Infelizmente, o parque passa por constantes ameaças por falta de repasses das verbas destinadas à sua manutenção (BBC, 2016)

Dentro do contexto de cada povo, as pinturas possuíam diferentes finalidades, fossem a de registrar acontecimentos e rituais, adornar as paredes das cavernas, dentre outros. As pinturas rupestres, encontram-se no espectro das artes visuais, que vão de encontro ao objeto de estudo deste trabalho.

Figura 1 : Sítio Toca da Entrada do Pajaú, preparado para visitação no Parque Nacional Serra da Capivara – Piauí.

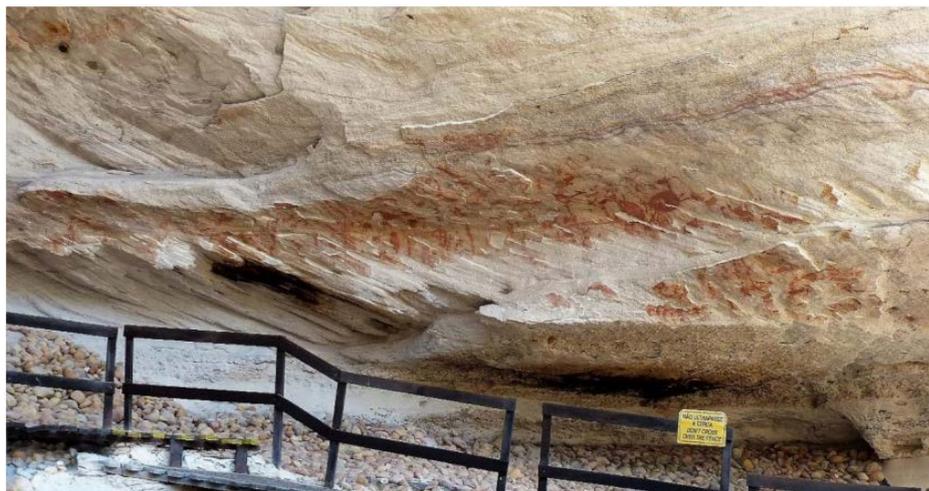


Foto: Cristiane Buco. Fonte: Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural. Verbetes: Arte Rupestre

Essas expressões primitivas acompanharam a história da humanidade durante toda sua trajetória, desde a pré-história, aos egípcios, romanos, o muralismo mexicano, desaguando em uma prática familiar à sociedade moderna: a arte urbana e/ou *grafitti*¹ (GITAHY, 1999). Aqui encontramos mais uma pluralidade de conceitos, haja vista que alguns chamam de *grafitti* toda expressão artística plástica que ocupe o espaço urbano, já outros utilizam o termo para denominar apenas as pinturas murais que utilizam *spray* e seguem a linha proposta pelo movimento *hip-hop*² do final da década de 60, nos Estados Unidos (SHUSTERMAN, 1998, p,145, apud ROSA, 2016, p.7). Para outras manifestações que utilizem outras técnicas, como o lambe-lambe³, instalações⁴ e pinturas murais, alguns classificam como Arte Urbana, Intervenção Urbana, ou Arte de Rua, além do pixo, que é outro tipo de intervenção urbana, sobre o qual não entraremos em detalhes.

¹ Pinturas e desenhos feitos pelos muros, paredes, viadutos, postes, entre outras superfícies da cidade. Manifestações artísticas que utilizam como suporte, a paisagem urbana.

² O gênero Hip-Hop é formado por quatro elementos: o primeiro elemento, o talento lírico e rítmico do rapper, chamado MC, “Mestre de Cerimonia”; o segundo elemento, a música RAP dá o ritmo para os dançarinos de break, a dança; o terceiro elemento, o disc-jockey (DJ) que numa mesa de múltiplos canais constitui o fundo musical para as letras, o maestro; e por fim, o quarto elemento: a forma de expressão plástica, o grafite (Shusterman, 1998, p.145).

³ Técnica ligada ao *grafitti*. Consiste na colagem de cartazes na paisagem urbana, geralmente utilizando uma cola caseira feita de farinha e água.

⁴ Diferentemente das pinturas ou desenhos, as instalações interagem com o espaço e com o espectador. Geralmente se assemelham a esculturas, mas só desempenham seu significado completo quando instaladas no ambiente.

Analisando ainda as pinturas murais de nossos ancestrais, encontraremos na *Cueva de Las Manos*, um sítio arqueológico localizado em província de Santa Cruz, na Argentina, outro elemento interessante que compõe o plano de fundo em que a história da humanidade foi escrita: a interação humana. A *Cueva de Las Manos* é famosa por possuir um mural com desenhos de centenas de mãos, estampados com uma espécie primitiva de aerografia. Datada de 7350 a.C., além de ser um dos ancestrais do *grafitti*, podemos considerar esse tipo de arte como uma das primeiras criações coletivas já registradas.

Figura 2. Cueva de las manos.



Foto:A. Patrian. Fonte: www.patagonia.com.ar

Quando o assunto é coletividade no processo criativo, em uma pesquisa preliminar, percebi que existe uma carência de pesquisas sobre o assunto. Encontrei diversos trabalhos⁵ que estudam conceitos como coletivismo e individualismo

⁵ GOUVEIA, Valdiney. et. al. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(2), pp. 223-234;
FERREIRA, Maria Cristina. et. al. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 1, p. 81-89, jan./jun. 2002
MORAIS, Marluce Jacomé. *Por dentro do Fora do Eixo: Uma das maiores redes de coletivos culturais do país*. 2013. CELACC/ECA- USP.
ADERALDO, Guilherme André. *Reinventando a "cidade": disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de "coletivos culturais em São Paulo*. 2013, São Paulo

relacionados à política, ciências sociais, cultura organizacional e economia. Quando relacionado às artes, pude encontrar alguns trabalhos produzidos por coletivos, que abordem a relação questão da formação de coletivos artísticos, porém, não encontrei muitas publicações que falem do processo criativo coletivo. Logo, as conclusões que apresentarei sobre o processo criativo coletivo, vêm de experiências próprias, que vivenciei durante o tempo em que venho trabalhando e pesquisando sobre o assunto.

Categorizei as criações coletivas em dois grupos: coletividade heterogênea e coletividade sinérgica. Na coletividade heterogênea, a identidade individual é preservada, e, embora juntos, é possível identificar cada agente e qual foi a sua interferência dentro da obra. Um exemplo disso, são as exposições coletivas, onde é possível identificar cada obra como sendo de um autor diferente. Já para a coletividade sinérgica, nos apropriamos de um conceito da química, onde dois ou mais elementos reagem entre si, formando um terceiro elemento diferente e com características próprias. No processo criativo sinérgico acontece um fenômeno semelhante, os autores individuais se juntam, estabelecem metas e criam algo orgânico, que aparenta ter sido feito por apenas uma pessoa. Nesta, não ficam evidentes as habilidades ou características individuais de cada artista, como é o caso do método de criações coletivas do Coletivo Arterê.

No videotexto "Criatividade em Equipe e suas leis de marketing", Paulo Guilherme Hostin Sămy defende que o ambiente de equipe favorece o desenvolvimento da criatividade. Ali ocorre processo de sinergia, onde as limitações de um indivíduo são supridas pelas qualidades de outro indivíduo, e as transformações propostas são mais constantes, tornando mais dinâmico o jogo criativo. O ambiente coletivo tende a ser mais descontraído e o bom humor é um ingrediente fundamental para que a criatividade aconteça (BARRETO, 1997). Durante a construção do conhecimento é essencial a interação entre as pessoas, pois, por meio dela, acontecerá as trocas de conhecimentos, pontos de vista e ideias que servirão para enriquecer o indivíduo. "É na interação entre as pessoas que em primeiro lugar se constrói o conhecimento que depois será intrapessoal, ou seja, será partilhado pelo grupo junto ao qual tal conhecimento foi conquistado ou construído." (MARTINS, 2009, p. 117).

Resgatar a criatividade natural perdida por alguns adultos e mistificada no decorrer da história, pode não ser um processo simples e nem fácil, mas exige regras. Corremos o risco de pensar que quanto mais liberdade durante o processo criativo, melhor, porém, para alguém sem prática, encarar um papel em branco pode ser um tanto assustador, e, algumas delimitações podem ser essenciais para o sucesso.

Mas a liberdade nunca é algo simples. Com efeito, é bem mais difícil lidar com ela do que com normas e convenções estabelecidas. Pois, para ser uma liberdade genuína, é preciso podermos intuir os limites inerentes a cada situação particular. Ainda que flexíveis, eles existem. E ao intuir os limites existentes, é preciso poder respeitá-los, absorvendo-os em nossa compreensão intelectual e também em nossa emoção. Então a *liberdade* se tornará válida em sua dimensão expressiva (uma liberdade ilimitada é inexpressiva - não corresponde a nenhuma realidade humana) de *ordenação*. E só assim poderemos imaginar livremente e criar novas ordenações, expressivas e livres. (OSTROWER, 1995, p. 74).

Partindo do pressuposto de que todos ser humano pode possuir um potencial criativo e de que este consiste em um processo, nosso desafio torna-se encontrar meios para desenvolvê-lo. Para isso, não existe uma fórmula específica, mas a prática dos exercícios corretos, nos levarão ao objetivo desejado. Desenvolver um método consiste em traçar caminhos, descrever passos para que se alcancem metas pré-estabelecidas.

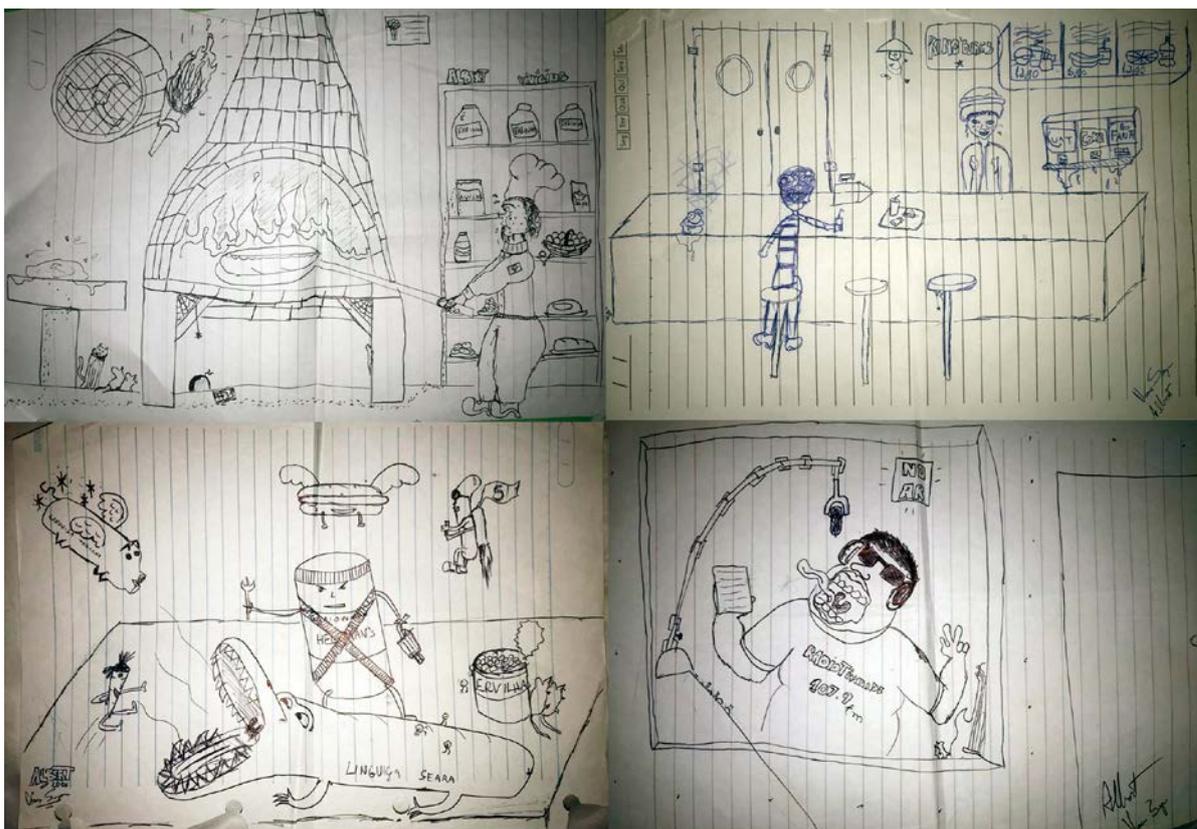
O presente trabalho apresenta um método que utiliza a coletividade, juntamente com alguns elementos da linguagem visual, como caminho para desenvolvimento e resgate da criatividade existente em cada ser humano.

3. HISTÓRICO

Lembro-me de estar envolvido em processos criativos desde o ensino fundamental durante atividades no laboratório de informática da Escola Normal de Brasília, onde estudei da 2ª à 4ª série. Na época, fazíamos atividades de desenho no laboratório de informática, onde em duplas tínhamos que desenhar histórias em quadrinhos sobre datas comemorativas ou ditados populares. Depois disso, durante os períodos seguintes, gostava de desenhar durante as aulas, fazer trocadilhos, piadas e colocar apelidos nos colegas.

Uma brincadeira que fazíamos frequentemente era a de desenhar coletivamente. Um começava o desenho em uma folha e passava adiante, o próximo ia acrescentando elementos, personagens, palavras, cenário e histórias. Engraçado que isso era feito de maneira lúdica, sem ter conhecimento sobre conceitos de coletividade, criatividade ou técnicas de desenho. Era uma brincadeira, com o intuito de tornar as aulas um pouco menos monótonas. Abaixo, alguns desenhos coletivos criados durante o ano de 2006, enquanto cursava a 7ª série.

Figura 3: Desenhos coletivos feitos em 2007, durante a 7ª série.



Fonte: Arquivo pessoal de Albert Schimitk Azevedo (2007).

A afinidade com os processos de criação me levou a iniciar o curso de Publicidade e Propaganda em 2009 em uma universidade e internato no interior de Campinas-SP. Porém, a distância de Brasília, minha cidade natal, e as limitações consequentes ao regime de internato em uma universidade particular e religiosa, fizeram surgir em mim o desejo de retornar à Brasília e tentar o ingresso na UnB. Em 2010 eu já estava em Brasília fazendo cursinho para o vestibular da UnB, continuando meu curso de Publicidade em uma faculdade particular e fazendo oficinas de arte no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 sul.

No espaço cultural tive meu primeiro contato com as Artes Plásticas e com conceitos como a coletividade, lá adquiri boa parte do conhecimento que me tem sido útil em meu trabalho. Lá, sobre a coordenação do professor e artista plástico Delei⁶, participei de atividades, como Oficinas de Arte na Rua, Bicho Lixo (arte com materiais reciclados), e 2 exposições coletivas. Nas oficinas de Arte na Rua tive meu primeiro contato com a intervenção urbana, coletiva e inclusiva. Não era necessário possuir habilidade apurada com desenho ou pintura. O método utilizado pelo professor, consistia em criar murais abstratos, com determinadas temáticas, ou determinadas cores. Muitas dessas limitações surgiam devido à escassez de recursos, pois embora o Espaço Cultural pertencesse ao governo, raramente este provia recursos para a realização das aulas e oficinas, o que nos obrigava a criar com o que tivéssemos à mão. Tinta acrílica, pigmentos, guache, cola branca, massa corrida e colagem estão entre a lista dos materiais que costumávamos utilizar.

Figura 4: Murais abstratos criados durante as oficinas no Espaço Cultural 508 Sul



Fonte: Arquivo pessoal (2012/2013)

⁶ Antônio Wanderley, o Delei, é artista plástico, professor e arte terapeuta, nascido em Minas Gerais e morador de Brasília desde 1960. Tem como trabalho principal a pintura e o desenho, mas possui inúmeros trabalhos em azulejo, colagem, escultura, instalações, entre outros. Já realizou dezenas de exposições individuais e coletivas. Além de seu trabalho artístico individual, Delei atuou como arte-educador no Espaço Cultural 508 Sul e arte-terapeuta no Hospital Sarah Kubitschek, onde organizou e produziu diversas exposições coletivas com seus alunos.

A partir desse contato, desenvolvi admiração pelas artes e, em 2012, decidi ingressar no curso de Artes Plásticas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. O envolvimento com o curso foi tão intenso que decidi trancar o curso de Publicidade e Propaganda e dedicar-me totalmente à cadeira de Artes.

Ali, durante as aulas, continuei colocando em prática aquela brincadeira dos desenhos coletivos no papel e desenvolvi uma afinidade especial com duas amigas de faculdade, Mirela Borges e Juliana do Nascimento. Juntos, caminhávamos pela cidade, bares e mediações do prédio da faculdade, rabiscando, conversando, criando poesias e desenhos coletivos.

Figura 5: Desenhos coletivos em papel, sem metodologia. Coletividade heterogênea.



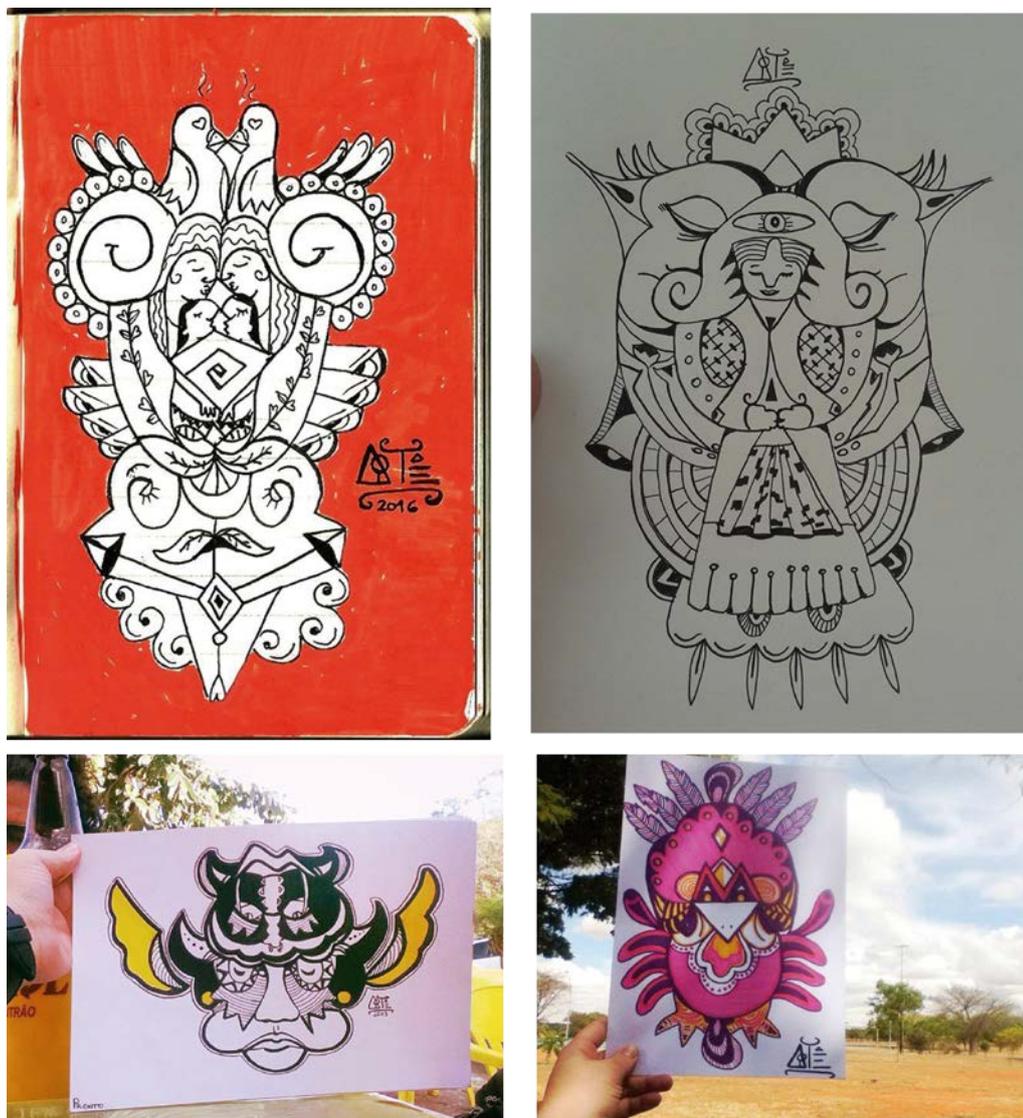
Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2012/2013)

Com poucos meses de convivência, percebemos que aquele fluxo criativo poderia se tornar algo mais sério, então, sugerimos a criação de um coletivo, que,

após um *brainstorming*⁷, demos o nome de Coletivo Arterê. Arterê é um anagrama de Arte + Erê, que no dialeto africano Yorubá, significa criança, pois acreditamos que para criar é necessário estar em contato com a criança interior.

Após centenas de desenhos e criações coletivas livres e experimentais, entre erros e brincadeiras, fomos aprimorando as técnicas e sintonizando os traços e habilidades, e fazendo desenhos cada vez mais sinérgicos.

Figura 6: Desenhos utilizando o método de criações coletivas.



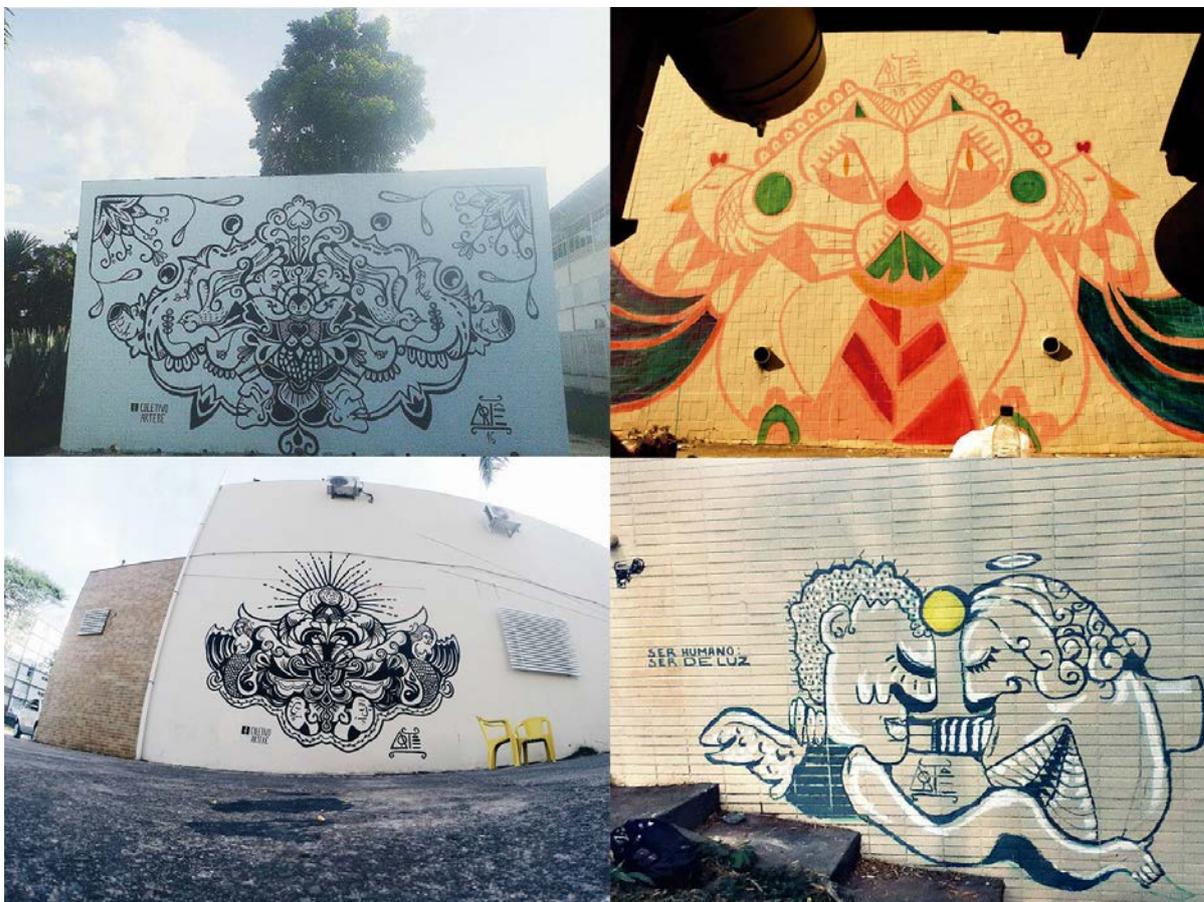
Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2012/2013/2014).

Passamos a levar os desenhos para os muros, utilizando, na grande maioria das vezes, tinta acrílica e pincel. Também passamos a aplicar as pinturas coletivas

⁷ Termo em inglês que significa, literalmente, tempestade de ideias. Consiste em uma técnica, na qual um grupo se reúne e expõe todas as ideias sobre um determinado assunto, com a finalidade de encontrar soluções inovadoras e criativas para um determinado problema

em camisetas feitas à mão. Sua comercialização dava-nos recursos para investirmos em mais materiais e continuarmos as produções. Sem esboço ou rascunho, começávamos a criar sem saber que desenho encontraríamos no final.

Figura 7: Pinturas murais coletivas feitas em Brasília, pelo Coletivo Arterê.



Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê

Em 2013, com o método bem mais maduro, no inscrevemos para concorrer em um edital para realizar uma oficina no Encontro Nacional dos Estudantes de Artes (ENEARTE), na Universidade Federal de Vitória, Espírito Santo e fomos aprovados. Foram dois dias de oficina, nos quais cerca de 20 alunos estiveram presentes. Os participantes executaram o método de criações coletivas em papel e em um mural de 20mx3m, além de poesias coletivas em stêncil.

Figura 8: Registros da 1ª Oficina de Criações Coletivas, em Vitória, Espírito Santo.



Fotos: Juliana do Nascimento. Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2013)

Em 2014, nos inscrevemos novamente para realizar a 2ª edição da Oficina de Criações Coletivas no ENEARTE, desta vez, em Viçosa, Minas Gerais. A Oficina também durou dois dias e os participantes aplicaram o método de criações coletivas em papel e pintura mural, além de poesias coletivas.

Figura 9: Oficina de Criações Coletivas, em Viçosa, Minas Gerais.



Fotos: Juliana do Nascimento. Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2014)

Ainda em 2014, conseguimos uma sala no prédio da Faculdade Dulcina, onde abrimos um atelier chamado Arteliê. Ali passávamos os dias produzindo, trocando experiências e conhecimentos. Além disso, o espaço era utilizado para a realização de aulas e oficinas. Entre elas, a 3ª Oficina de Criações Coletivas, que contou com a participação de 5 alunos e o método foi aplicado apenas na superfície papel.

Devido a acontecimentos na esfera individual de cada participante, precisamos interromper o convívio diário, o que impactou na nossa rotina de produção. Mas, até hoje, periodicamente vamos às ruas ou nos encontramos com folhas de papel, caderninhos e caneta para praticarmos nosso desenho coletivo.

Os trabalhos do coletivo Arterê são publicados em nossa página no Facebook www.facebook.com/coletivoartere.

4. A OFICINA

Nesta parte do trabalho, apresentarei como funciona a oficina de Criações Coletivas. A oficina é dividida em três etapas:

1. **Teórica** - Aqui, são apresentados os parâmetros, conceitos e histórico do método de criações coletivas;
2. **Prática no papel** - Os alunos aplicarão o método em pequenos formatos, a fim de criar afinidade com o método e soltar o traço;
3. **Prática mural** - Os alunos aplicarão o método em grandes formatos, preferencialmente em uma parede;

ETAPA 1 - TEÓRICA

Nesta etapa, serão apresentados os parâmetros e conceitos que constituem o método de criações coletivas. São eles: cores, simetria, formas geométricas, ponto, linha e textura.

Não é objetivo da oficina se delongar sobre os conceitos e teorias, ou sobre a trajetória histórica de suas descobertas, mas, antes, apresentá-los de forma prática e sintética, com a finalidade de munir os participantes do conhecimento necessário para a realização do método.

CORES

As cores carregam em si informações essenciais para a narrativa de uma obra. Elas revelam o sentimento e intenções do(s) autor(es) e despertam os mais diversos sentimentos no espectador. Elas contam histórias e apontam para fatores culturais presentes no contexto em que a obra foi concebida. As contribuições mais marcantes para a teoria das cores atuais, foram feitas por Isacc Newton e Johann Wolfgang von Goethe, porém utilizaremos a de Newton, pois ela é mais instrumental e comumente adotada. A de Goethe veio como uma crítica e reflexão sobre a teoria de Newton e

envolve muitas questões filosóficas, apesar de não discordar totalmente da teoria newtoniana (BRITO, 2016, p. 297).

Diferente dos artistas pré revolução industrial, hoje, temos fácil acesso a uma grande diversidade de tintas, canetas, lápis de cores e pigmentos. Isso amplia nossas possibilidades de criação, e experimentação. Por isso, é importante que tenhamos o mínimo de conhecimento quanto a combinações e características de cada uma delas. Nas palavras de Ellen Lupton (2008, p. 72):

Em 1665, Isaac Newton descobriu que um prisma divide a luz em um espectro de cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e violeta. Ele as organizou em torno de um disco, muito semelhante ao que os artistas utilizam hoje em dia para descrever a relação entre as cores. [...]

As cores vizinhas - que se encontram próximas no espectro ou no disco cromático - são análogas. Utilizá-las juntas produz um contraste mínimo e uma harmonia natural, pois cada cor tem algum elemento em comum com as outras da seqüência. Cores análogas também têm uma temperatura de cor equivalente.

Duas cores posicionadas diametralmente no disco são complementares. Uma cor não contém nenhum elemento da outra e elas têm temperaturas opostas (quente x fria). A decisão de utilizar cores análogas ou contrastantes afeta a energia visual e a atmosfera de qualquer composição.

Em nossa oficina, devemos observar as cores de 4 elementos presentes: a cor de fundo; a cor da estrutura do desenho, que tende a ser uma cor com alto contraste com relação ao fundo; a segunda cor, que é opcional e pode preencher algumas partes do desenho, devendo ser uma cor com menos contraste; a terceira cor, que deve entrar em poucos detalhes, sem muito contraste de destaque com relação às outras cores.

Figura 10: Pintura mural utilizando as 4 cores descritas.



Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê. Foto: Vinícius Souza. (2014)

Para escolha das cores, podemos três combinações básicas: cores complementares, que são as cores opostas no círculo cromático (nesta combinação conseguimos um alto de contraste); cores triádicas, que é a combinação de três cores equidistantes dentro do círculo (nesta combinação, conseguimos um nível de contraste um pouco menor do que na complementar); cores análogas, que são de 2 a 5 cores adjacentes dentro do círculo cromático (esta combinação nos proporciona um menor contraste com nuances mais sutis).

Figura 11: Combinações de cores complementares, triádicas e análogas.



Fonte: Alana Santos, <https://www.publicitarioscriativos.com/descubra-de-uma-vez-por-todas-como-utilizar-o-circulo-cromatico/>.

Porém, essas são apenas 3, dentre as diversas combinações possíveis. Por isso, a experimentação é essencial para descobrir qual o esquema de cores ideal para cada tipo de trabalho.

FORMAS GEOMÉTRICAS E PLANOS

O plano é uma superfície lisa que se estende em altura e largura. Um plano é o trajeto de uma linha em movimento; ele é a linha com amplitude. Uma linha fecha-se para tornar-se uma forma, um plano delimitado. Formas são planos com limites. (LUPTON, 2008, p. 18)

As formas geométricas são compostas a partir da ideia de pontos, linhas, superfície e volume. Elas estão presentes no nosso cotidiano que chegam a ser naturalizadas pelos nossos sentidos, desde a circunferência dos nossos olhos ao formato retangular da nossa cama. Paul Cézanne, o precursor da chamada arte moderna, e seus sucessores, como Picasso, Mondrian, entre outros, perceberam isso e realizaram suas obras a partir do pressuposto de que tudo é composto por formas geométricas. A simplicidade abstrata das formas geométricas faz delas um pontapé inicial para a imaginação, um convite lúdico à criatividade.

Figura 12: Utilização de formas geométricas para a construção do desenho coletivo.



Fonte: Arquivo Coletivo Arterê (2013)

Elas podem ser simples, como o retângulo, círculo ou triângulo, ou mais complexas, como os naipes de baralho, pentagramas, entre outros. Elas também podem possuir volume e profundidade, tornando-se formas geométricas espaciais, como o cilindro ou o cubo. Porém, trabalharemos mais com formas geométricas bidimensionais.

Uma característica interessante das formas geométricas, dentro da metodologia proposta, é o seu caráter inclusivo e didático, pois, pressupõe-se que qualquer pessoa seja capaz de desenhá-las.

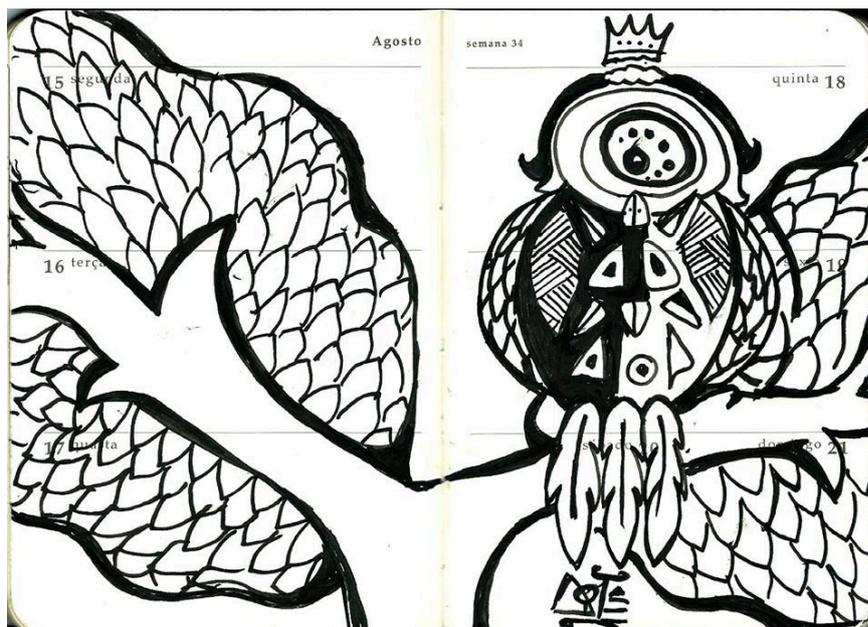
PONTO, LINHA E TEXTURA

Ponto, linha, e textura são a “matéria-prima” da construção do nosso desenho. Vejamos o que Lupton diz a respeito desses três elementos:

Uma série de pontos forma uma linha. Uma massa de pontos torna-se textura, forma ou plano. Pequeníssimos pontos de tamanhos variados criam tons de cinza. (LUPTON, 2008, p. 14)

O desenho que resultará do método aqui apresentado, é composto primeiramente por linhas de uma mesma espessura, depois são acrescentadas linhas mais finas e pontos como texturas e detalhes, para dar mais peso e preenchimento.

Figura 13: Desenho coletivo com uso de ponto, linha e textura.



Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2012)

SIMETRIA

A simetria está diretamente relacionada ao equilíbrio das formas, embora não seja a única forma de se obter equilíbrio em um desenho. Lupton descreve:

A simetria pode ser da esquerda para a direita, de cima para baixo, ou ambas. Muitos organismos naturais têm forma simétrica.

O mesmo peso para braços e pernas ajuda a garantir a mobilidade estável de uma criatura; uma árvore desenvolve uma distribuição equivalente de peso em torno de seu centro a fim de manter-se ereta; e os braços de uma estrela-do-mar irradiam-se a partir do centro. (LUPTON, 2008, p. 30)

Em *Arte & Percepção Visual*, Arnheim (1908, p.10) descreve dois tipos de equilíbrio, o psicológico e o físico. Estes fenômenos serão percebidos durante o processo de criações coletivas, quando não conseguirmos reproduzir uma simetria perfeita, mas ao olharmos todo o conjunto, não percebemos as diferenças entre ambos os lados. Isto também é explicado pela teoria da Gestalt, aplicada às artes, ao afirmar que o cérebro e os olhos percebem as coisas de modo diferente. O cérebro não percebe os elementos de modo isolado, como a retina, mas por extensão, e “a percepção tende ao equilíbrio e à simetria” (SABBA, 200-, p. 6)

Um exercício interessante é desenhar um coração e perceber que os lados não são iguais, por mais que tentemos alcançar uma simetria perfeita.

ETAPA 2 - PRÁTICA NO PAPEL

Esta etapa tem como objetivo colocar em prática os conceitos apresentados anteriormente, experimentando a dinâmica e a sinergia. Os alunos se dividirão em duplas ou trios e utilizarão canetas, giz de cera ou lápis e papel. De preferência, utilizar papéis com tamanho A3 ou maior.

Um dos integrantes começará desenhando uma forma geométrica no centro da folha e passará a caneta para o outro, que continuará o desenho, fazendo uma forma geométrica simples em um lado e repetindo a mesma forma do outro lado (simetricamente), depois passará a caneta para o outro, para que ele continue repetindo o processo. Não é permitido fazer formas muito complexas ou figuras, como rostos, olhos, plantas, entre outros. Durante o processo criativo, a dupla deve estar conversando, trocando opiniões e tomando decisões sobre o desenho.

A prática no papel é essencial para aquecimento da mão e para criar afinidade com o método.

Figura 14: Alunos praticando o método de criações coletivas no papel durante a oficina em Vitória, Espírito Santo.



Fonte: Arquivo do Coletivo Arterê (2013)

ETAPA 3 - PRÁTICA NO MURO

Nesta etapa, o método será aplicado em outra escala. Serão apresentados alguns cuidados e aspectos peculiares à pintura mural, como quais são os materiais

adequados e como prepará-los, qual a parede ideal e como funciona a dinâmica nesta etapa da oficina.

Além disso, esta etapa leva o aluno a reflexões como o papel e o lugar da arte no espaço urbano, além de estimular a coragem para executar e expor a obra, já que uma pintura mural possui muito mais visibilidade do que um desenho em papel.

Para a pintura mural em nossa oficina, escolheremos a tinta acrílica à base d'água, com pigmentos coloridos, haja vista que é um material mais acessível, menos tóxico que o spray, de fácil manuseio e tempo de secagem relativamente rápido. A tinta pode ser branca misturada com pigmentos líquidos, ou já vir com a cor de fábrica. Todas devem ser armazenadas e misturadas, preferencialmente, em recipientes com tampa.

Os pincéis devem possuir diferentes espessuras, levando em consideração o tamanho da parede e o nível de detalhamento desejado. Para superfícies maiores, que serão observadas de longe, deve-se usar pincéis mais grossos ou até mesmo rolinhos. Para superfícies menores, que serão vistas mais de perto, pode-se usar pincéis mais finos, que permitam um detalhamento maior, ou até mesmo canetas apropriadas. Recomenda-se utilizar um pincel para cada cor, principalmente para a cor branca, que não deve ser misturada com outro pigmento, a não ser que a proposta do desenho seja esta. Além disso, é importante ter panos e água para limpeza dos pincéis e das mãos.

Ao escolher o pincel, o grupo deve levar em consideração o tamanho da superfície e o nível de detalhamento desejado para a obra. Para murais que serão vistos de perto, recomenda-se o uso de pinceis mais finos ou canetas apropriadas, que permitem a utilização de mais detalhes. Para murais maiores, que serão vistos de longe, recomenda-se utilizar pinceis mais largos e/ou rolinhos, com menos detalhes.

Ao escolher a parede onde será feita a pintura, é necessário avaliar sua textura, pois como o trabalho será feito com pincel, superfícies muito porosas ou texturizadas dão muito trabalho, interferindo no resultado. Outro aspecto importante são os desenhos e cores que já estão na parede, pois, a depender, isso pode interferir no contraste do desenho. Caso haja desenhos, recomenda-se cobrir de branco ou de outra cor desejada. Outro aspecto pertinente a se analisar é a altura da superfície, a depender, serão necessários banquinhos, escadas ou até mesmo, andaimes. Visando o bem-estar do grupo, podemos analisar a incidência do sol sob a área de trabalho, isso acelera a secagem da tinta mas pode causar mal-estar ao grupo.

Importante analisar se há uma fonte de água por perto, para lavar pincéis e mãos. Caso não haja, deve se providenciar uma certa quantidade de água para os devidos fins, ou, ao findar do processo, recolher os materiais, retirando o excesso com um pano e lavando-os o mais depressa possível, para preservar a integridade dos materiais de trabalho.

Depois de selecionados os materiais e escolhida a parede onde o desenho será executado, o grupo deve, coletivamente, escolher a cor da tinta que comporá a estrutura do desenho, levando em consideração a cor da superfície, buscando sempre o contraste entre o desenho e o fundo. Preparadas as tintas, podemos começar a criação.

A dinâmica de trabalho é igual a executada na etapa anterior: um dos integrantes desenha uma forma geométrica central e passa o pincel para o outro integrante, que deverá desenhar uma forma geométrica simples, sempre respeitando a simetria. Logo em seguida deve passar o pincel para o próximo e assim sucessivamente. Uma dica importante é analisar o desenho de longe, durante o processo, isso dá uma visão mais ampla do que está sendo produzido. Quando o grupo chegar em um consenso de que a estrutura já está pronta, pode-se adicionar outras cores, texturas e finalizar o desenho.

5. CONCLUSÕES

Como podemos ver no presente trabalho, o método de criações coletivas é totalmente viável e resulta em trabalhos esteticamente bonitos, que realizam efeitos muito positivos em quem participa do processo.

Com fundamentos básicos da linguagem visual, o método se torna bastante efetivo e com fácil aplicação, podendo ser aplicado em pessoas de diversas faixas etárias e níveis de escolaridade.

Por ser uma atividade de baixo custo, a oficina pode ser aplicada em diversos grupos da sociedade, como em comunidades carentes, escolas públicas e projetos sociais, promovendo impacto social por meio da arte. Além disso, o método trabalha com conceitos essenciais a quem pretende estudar ou trabalhar em áreas relacionadas à criatividade, logo, a oficina também pode ser aplicada em universidades. Por trabalhar com a coletividade e interação entre pessoas, a oficina

também pode ser aplicada como dinâmicas de grupo em agências de publicidade ou empresas em geral. Por meio da interação humana, os envolvidos no processo perceberão que é possível construir algo coletivamente, com pequenas contribuições, diálogo e aplicando a criatividade existente em cada ser humano.

Devido à escassez de estudos e trabalhos acadêmicos falando sobre processos criativos coletivos, percebo neste trabalho, um horizonte que se abre para estudos futuros e publicações, com uma busca mais aprofundada de autores, conceitos e pesquisas sobre o assunto

Espero que com o presente trabalho, você tenha entrado em contato com conceitos que não conhecia antes e esteja munido de uma nova ferramenta para criar e estimular a criatividade. Além disso, desejo que você se sinta encorajado a brincar e a desenvolver outros métodos de criações, compreendendo que a coletividade e a criatividade podem ser aplicadas e trabalhadas em qualquer tipo de linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Criatividade e Educação do Superdotado**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Cengage Learning, 1980

BRITO, Nathaly Barboza de. **A teoria das cores de Goethe e sua crítica a Newton**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 288-298, jul/dez 2016

ECO, Umberto. **A definição da arte**. São Paulo. Maia Lopes, 1986

GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo. Brasiliense, 1999

GOMBRICH, E. H. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1995.

JANSEN, Roberta. **A arqueóloga que batalha para preservar os vestígios dos primeiros homens das Américas.** Rio de Janeiro, BBC Brasil, 2018 Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160312_perfil_niede_guidon_rj_ab> Acesso em 12 de junho 2018.

LUPTON, Ellen. **Novos Fundamentos do Design.** SP: Cosac Naify, 2008.

MARTINS, João Carlos. **Vygostsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e desvendar o mundo.**

MICHETTI, Miqueli. Coletivos e Redes Culturais no Brasil Contemporâneo: notas sobre as relações entre cultura, economia e política na conjuntura neoliberal. Paraíba, 2017. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/63>> Acesso em 31 março 2018.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística.** 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1995

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

PIXO. Direção de Roberto T. Oliveira e João Wainer. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Disponível em: <<https://vimeo.com/29691112>> Acesso em 31 março. 2018

ROSA, Delfino Neto da Silva. **Estudo sobre o conceito literariedade, pensamento pragmatista e a estética popular na construção da identidade cultural na pósmodernidadedo gênero Hip-Hop/ RAP.** 2015. 15 f. Monografia (Licenciatura em Letras Portugêns) —Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SABBA, Claudia Georgia. **A Gestalt e o Ensino de Geometria.** Disponível em <<http://www.nilsonjosemachado.net/lca13.pdf>>

SANTOS, Alana. **Descubra de uma vez por todas como utilizar o círculo cromático.** Blog Publicitários Criativos. Disponível em <<https://www.publicitarioscriativos.com/descubra-de-uma-vez-por-todas-como-utilizar-o-circulo-cromatico/>> Acesso em 31 de março de 2018 .

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte: O pensamento pragmatista e a estética popular.** Ed. 34. Tradução, Gisela Domschke, 1998

TORRES, Marcos. **A diferença entre Street Art e Grafitti.** Blog Design Culture (Disponível em: <http://designculture.com.br/a-diferenca-entre-street-art-e-graffiti>)

TORRANCE, E. P. (1965). Rewarding creative behavior. New York: Prentice-Hall

VIANA, Verônica. BUCO, Cristiane. SANTOS, Thalison dos, SOUSA, Luci Danielli. **Dicionário Iphan do Patrimônio Cultural. Verbetes: Arte Rupestre.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/87/arte-rupestre>> Acesso em 31 março 2018 .

Patagonia Cueva de las Manos: un Patrimonio Cultural de la Humanidad. Disponível em <https://www.patagonia.com.ar/circuitos/587_Cueva+de+las+Manos%3A+un+Patrimonio+Cultural+de+la+Humanidad.html> Acesso em 31 março 2018 .